

25 ABR 1985

O mais longo adeus a Tancredo

por José Casado
de São João del Rey

Os 44 sinos das 22 igrejas de São João del Rey, uma cidade barroca de ruas tortuosas, casas e monumentos coloniais, foram orquestrados em um "dobre simples", na manhã de ontem. Ouvia-se uma só pancada, em cada movimento do badalo. Era um aviso, um chamado fúnebre aos 60 mil habitantes: seu filho mais ilustre, o presidente Tancredo de Almeida Neves, estava chegando, deitado em um caixão transportado sobre um tanque de guerra.

As estreitas ruas estavam apinhadas e coloridas por bandeiras, todas com uma faixa negra no meio. A música dos sinos amplificava a emoção da cidade. Por onde passava Tancredo e, em seguida, dona Risoleta, havia aplausos, lágrimas e gritos. O cortejo saiu do aeroporto e foi parar no solar, um casarão colonial que serviu de abrigo às sete gerações da família Neves.

A essa casa Tancredo voltou ontem pela última vez, e apenas ficou trinta minutos, sendo velado pelos parentes e por algumas autoridades. Em frente, a multidão aguardava, an-

siosa, cantando o Hino Nacional. Os soldados do Exército encarregados da guarda do corpo sobre o tanque não resistiram e agacharam-se, chorando.

Dona Risoleta, sentindo a ansiedade da massa, veio à sacada: "Minha gente, meus queridos irmãos, gostaria que minha casa fosse tão grande como o coração de Tancredo, para receber cada um de vocês, como ele fazia sempre, descendo as escadas para abrir a porta e abraçando-os".

Pouco depois, o cortejo seguiu. Lento, solene, ao dobre dos sinos, debaixo de uma chuva de pétalas de rosas e de papel picado, com o povo agitando bandeiras. Atravessou a ponte do Rosário, toda em pedra, construída em 1800, e desfilou ante a biblioteca Batista Caetano (municipal), fundada em 1827, que Tancredo sempre visitava.

Em janeiro passado, quando conversava com o presidente François Mitterrand, em Bordeaux, Tancredo o surpreendeu ao contar-lhe que nessa biblioteca existia uma completa coleção do jornal Le Moniteur e outras obras raríssimas da época da Revolução Francesa.

(Continua na página 5)

"Seu sonho será o nosso sonho"

por José Casado
de São João del Rey

O presidente Tancredo Neves desceu ao túmulo, ontem, às 23 horas, no cemitério de São Francisco de Assis, em São João del Rey, numa cerimônia fúnebre marcada pela pública reafirmação do compromisso da Aliança Democrática, que o elegeu, em torno da conciliação política e da realização de mudanças na vida do País.

"Seu sonho será o nosso sonho", disse o presidente Sarney momentos antes do enterro, "e nós saberemos honrá-lo." O compromisso assumido por Tancredo Neves, ressaltou Ulysses Guimarães, presidente da Câmara Federal, será cumprido, pois "sem ele o governo não poderá ser um governo confiável. Que Deus nos dê forças para que não esqueçamos o povo e não reneguemos tua memória", acrescentou.

A doença e a morte do líder, lembrou o governador mineiro Hélio Garcia, aprofundaram a solidariedade e garantiram a continuidade desse amplo acordo nacional.

Num gesto repleto de simbolismo, Sarney dobrou a Bandeira Nacional que cobria o esquife e entregou-a a dona Risoleta.

(Ver páginas 5 e 8)

O mais longo...

por José Casado
de São João del Rey
(Continuação da 1ª página)

por fim, o esquife atravessou o adro do templo de São Francisco de Assis, delimitado por balaústres de mármore branco vindos de Portugal. A igreja, erguida em 1774, é uma das mais bonitas do País, toda construída em alvenaria, com torres de 30 metros, arredondadas e terminando em cúpulas, uma coisa rara na arquitetura de templos. Seu "risco" e algumas das obras de arte são atribuídos ao mestre Aleijadinho.

Ali o esquife permaneceu durante toda a tarde e noite. Na praça, a multidão, aos gritos, exigia sua parte — ter a última visão de Tancredo. Dona Risoleta pediu a um padre para dar um recado: "O presidente só será enterrado depois que o último dos são-joanenses houver passado por ele". Oito horas depois de iniciada a visitação, o presidente José Sarney e todo o Ministério permaneciam na cidade aguardando a definição do enterro, que o povo adiarda. No final da noite, dona Risoleta optou por abreviar a espera e fixou um horário-limite para o velório, 22 horas. Milhares ficaram sem ver seu contêrraneo. Permaneciam na praça, uma daquelas a que Tancredo sempre ia com velhos amigos para jogar dama, gamão e contar histórias. Sobre a multidão pendia uma faixa com uma de suas frases: "A fome, a doença, a morte de milhares de crianças todos os dias são chicotadas em nossa face".

De longe, no adro da igreja, o governador Franco Montoro olhava o povo e comentava: "Esse é o retrato da conciliação nacional". Havia dor estampada nos rostos das pessoas, mas, como observou o governador Leonel Brizola, havia também um pouco da alegria e da esperança que Tancredo Neves deixou.

"Não troco ministro"

por Getúlio Bittencourt
de São João del Rey
(Continuação da 1ª página)

eventual apelo do presidente Sarney para permanecer no cargo, retornando a suas atividades privadas. "Eu não quero antecipar os meus gestos futuros", afirmou o ministro a este jornal.

Nas exéquias de Tancredo Neves falava-se de seu Ministério, mas também se falava sobre ele. Quando perguntaram ao presidente da Câmara dos Deputados e do PMDB, Ulysses Guimarães, por que ele foi tão aplaudido pelo povo ao entrar na Igreja de São Francisco, ele recordou o presidente morto numa resposta elegante. "Atribuo os aplausos a dois motivos", raciocinou rapidamente. "Primeiro, porque sou o presidente de um partido que foi cassado implacavelmente por uma ditadura. Depois, porque fui amigo deste presidente cassado pelo destino."